

MAPA
PERCURSOS

LUGARES DE ABRIL

SÉRGIO GODINHO

CONCERTO

ARQUIVO

EPHEMERA

CENSURA

EXPOSIÇÃO

MULHERES

48

POEMAS

PALAVRAS DE ABRIL, EM MARÇO

O **Abril em Lisboa**, programação que a EGEAC desenvolve há vários anos, chega mais cedo porque a 24 de março celebramos o dia em que a democracia começa a superar o tempo da ditadura.

Escritas nas ruas da cidade – porque foi na rua que muito se passou – vamos ter palavras de mulheres, de distintas gerações, pensadas para este momento especial da história do país.

Sinónimos de Abril, ditos por personagens mais e menos inesperadas, marcam também esta edição do Abril em Lisboa e podem ser descobertos nas redes sociais **Cultura na Rua**: revolução, luta, liberdade, abertura, direito, democracia, voz, escolha, primavera, recomeço, festa...

A palavra é também estrela no concerto de **Sérgio Godinho**, que partilha o palco do Campo Pequeno com vários outros artistas, para marcar o primeiro dia do resto das nossas vidas, em democracia.

Durante 48 anos, não houve um único dia sem censura, o regime escolhia as palavras que os portugueses podiam, ou não, ler, ouvir, ver, conhecer; e por isso, vamos apresentar a exposição **Proibido por Inconveniente – Materiais das censuras no ARQUIVO EPHEMERA**.

Comissariada por Júlia Leitão de Barros e Carlos Nuno, a partir do espólio de José Pacheco Pereira, mostra, segundo o historiador, “o que é a Liberdade, pela sua negação”.

No quarto andar do Museu do Aljube, antiga prisão também no Estado Novo, o público pode deixar o seu contributo sobre o que foi e o que é a revolução, em forma de arte: imagens, ideias e, claro, palavras.

De volta ao Cinema São Jorge, o **Festival Política** tem a Desinformação como tema central e a guerra na Europa como pano de fundo, através de filmes, música, debates, performances, espetáculos e conversas que discutem o poder e os perigos das palavras.

Celebração da democracia e da liberdade, o programa **Abril em Lisboa 2022** ganha, na atualidade, uma relevância especial. Que a paz seja também palavra de ordem.

O Conselho de Administração da EGEAC

2

SÉRGIO GODINHO

CONVIDA CAPICUA, FILIPE RAPOSO, MANUELA AZEVEDO, SAMUEL ÚRIA E TÓ TRIPS

23 MARÇO
QUARTA-FEIRA
21H30
CAMPO PEQUENO

Entrada livre sujeita à lotação da sala e mediante levantamento de bilhete no local, de 2.ª a 6.ª, das 10h às 22h, e aos sábados, domingos e feriados, das 10h às 19h, e nas FNAC da Área Metropolitana de Lisboa. Entrega máxima de 2 bilhetes por pessoa. M/6

Neste espetáculo, em que a “palavra” assume papel principal, ao lado de uma seleção de repertório representativo da sua obra, Sérgio Godinho (e respetivos “Assessores”) propõe-se complementar a visita à banda sonora das nossas vidas com a partilha do palco com alguns dos artistas e músicos que mais admira e respeita e que, de alguma forma, têm na sua obra e postura o “lastro godineano”. Uma noite a não perder.

Sérgio Godinho – voz

Assessores:

Nuno Rafael – direção musical, guitarras, percussão, coros

Miguel Feveireiro – guitarras, coros

Nuno Espírito Santo – baixo, coros

Sérgio Nascimento – bateria, percussões

João Cardoso – piano, teclados, coros

Convidados:

Capicua – voz

Filipe Raposo – piano

Manuela Azevedo – voz

Samuel Úria – voz, guitarra

Tó Trips – guitarra

Abril em Lisboa é uma programação EGEAC/Programação em Espaço Público com Museu do Aljube e Cinema São Jorge. PARCEIROS: GAU (Galeria de Arte Urbana do Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa), Junta de Freguesia de Misericórdia, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Junta de Freguesia de Santo António

APOIO:



FICHA TÉCNICA

Conselho de Administração: Joana Gomes Cardoso, Sofia Meneses

Programação em Espaço Público: Paula Nunes (coordenação), Ana Barbosa, André Tavares, Cecília Folgado, Fernanda Rodrigues, Nuno Sousa Martins, Rosário Bragança, Sara Cruz, Seomara Martins, Vítor Jesus

Marketing e Imagem: Paula Medori (coordenação), Ana Almeida, Bárbara Jarro, Francisco Correia, João Senha, José Frade, Maria Melo, Paulo Almeida, Sofia Ventura, Susana Branco

Fotografia: Arquivo Municipal de Lisboa, Francisco Correia, José Frade, Museu de Lisboa

Design: Silvadesigners

Tiragem: 5000 exemplares

Impressão: Digiscript, Aplicações Digitais Lda

ABRIL EM LISBOA 2022

48

2 A 25 ABRIL
VÁRIOS LOCAIS
DA CIDADE

Reunimos pensamentos, versos, aforismos, que renovam os valores de Abril, da Democracia, sob o signo da Liberdade. É pela voz de mulheres (escritoras, poetisas, cantautoras) que celebramos 48 anos de democracia, com palavras que ficarão pintadas no chão da cidade, acessíveis e visíveis a todos.

com A garota não (Cátia Oliveira), Adília Lopes, Aldina Duarte, Alice Neto de Sousa, Aline Frazão, Amélia Muge, Ana Deus, Ana Luísa Amaral, Ana Margarida Carvalho, Ana Marques Gastão, Ana Paula Inácio, Beatriz Hierro Lopes, Capicua, Cláudia R. Sampaio, Djaimilia Pereira de Almeida, Dulce Maria Cardoso, Filipa Fonseca Silva, Filipa Leal, Filipa Martins, Francisca Camelo, Gisela Casimiro, Golgona Anghel, Inês Fonseca Santos, Inês Pedrosa, Isabel Rio Novo, Isabela Figueiredo, Lídia Jorge, Luísa Costa Gomes, Luísa Sobral, Mafalda Veiga, Manuella Bezerra de Melo, Margarida Vale de Gato, Maria do Rosário Pedreira, Maria Teresa Horta, Marta Chaves, Paola D'Agostino, Patrícia Portela, Patrícia Reis, Raquel Gaspar Silva, Raquel Lima, Raquel Nobre Guerra, Regina Guimarães, Rita Capucho, Rita Tabor da Duarte, Rosa Alice Branco, Rosa Oliveira, Tatiana Faia, Telma Tvon

PROIBIDO POR
INCONVENIENTE

Materiais das censuras
no ARQUIVO EPHEMERA

7 A 27 ABRIL
11H – 18H
EDIFÍCIO DIÁRIO DE
NOTÍCIAS

Entrada livre

A partir do espólio do **ARQUIVO EPHEMERA**, biblioteca e arquivo do historiador José Pacheco Pereira, os comissários Júlia Leitão de Barros e Carlos Nuno mostram exemplos das várias censuras do Estado Novo, eficaz arma do regime da ditadura. À volta da data do 25 de Abril de 2022, a exposição tem também uma intenção pedagógica, segundo Pacheco Pereira, “mostrar o que é a Liberdade, pela sua negação”.

FESTIVAL
POLÍTICA

21 A 24 ABRIL
CINEMA SÃO JORGE

Entrada livre sujeita à lotação do espaço e mediante levantamento prévio de bilhete na bilheteira do Cinema São Jorge.

Tendo a **Desinformação** como tema central e a guerra na Europa como pano de fundo, o **Festival Política** propõe quatro dias de filmes, música, debates, performances, espetáculos e conversas dedicados à desinformação enquanto ameaça à democracia, fator de polarização, discriminação e marginalização de grupos populacionais, e elemento que mina a confiança dos cidadãos nos meios de comunicação social e no jornalismo. Todas as atividades são acessíveis, com legendagem e Língua Gestual Portuguesa.

Conceção: Associação Isonomia;
co-produção: Produtores Associados

A LIBERDADE
PASSA POR AQUI

23 E 24 ABRIL
16H – 20H
MUSEU DO ALJUBE

Entrada livre sujeita à lotação do espaço, e mediante inscrição para inscricoes@museudoaljube.pt.

No âmbito das comemorações do 48º aniversário do 25 de Abril, o quarto andar da antiga prisão do Aljube é agora um espaço de convívio e liberdade. Há um bar com cocktails revolucionários, uma pista de dança com música de intervenção e três murais – escrita, desenho e colagem – onde o público é convidado a deixar o seu contributo em forma de arte. Novas palavras, novas imagens, novas ideias, o que foi e o que é a revolução, 48 anos depois.

DJ

23 ABRIL
Luís Varatojo + Di Cândido aka DIDI

24 ABRIL
Surma + Tó Trips

VIDEO
Cristina Viana

MURAIS – Orientação
Escrita: Ondjaki
Desenho: Nuno Saraiva
Colagem: Inês Vieira da Silva

3

SÉRGIO GODINHO

"FOI TÃO INTENSO QUE HOUE VÁRIOS PRIMEIROS DIAS"

Sempre gostou do palco. É para esse lugar que diz fazer as suas canções, “para serem ouvidas, para serem sentidas pelo público e nós sentirmos de volta a força das pessoas”.

E o palco volta a acontecer às canções de Sérgio Godinho no Campo Pequeno, dia 23 de março. Um concerto entre amigos, cúmplices na música e na vida.

Depois de uma interrupção de dois anos, de um “novo normal” imposto pela pandemia, Sérgio Godinho celebra de novo a liberdade. Como sempre o faz, cantando. Um regresso ao espetáculo rodeado pelos Assessores “companheiros de longo curso”, e alguns convidados especiais: Filipe Raposo, “pianista excepcional, muito hábil e muito plástico”, Manuela Azevedo, “uma enorme cantora, com quem já interagi muito”, Capicua, “um enorme talento que também se tornou uma grande amiga”. A proximidade com ambas as intérpretes, garante, não significa um déjà vu: “É uma cumplicidade adquirida que nos faz já ter galgado meio caminho, mas não quer dizer que vamos repetir repertório”, revela. Juntam-se também Samuel Úria, (em estreia a interpretar o seu repertório) “que canta bem e é um autor de canções muito talentoso” e finalmente Tó Trips “um guitarrista muito peculiar, mas que pode dar uma cor às canções”. “Ainda convidei o Bob Dylan, mas ele não quis”, graceja.

Mais difícil foi a seleção das canções, num universo de mais de 300. O alinhamento reúne canções de vários teores, convocando sentimentos e energias diferentes e abordando de forma mais ou menos direta o 25 de abril. “Há uma canção que cantarei também, mais recente, que tem a ver com a pandemia porque é uma espécie de fresco rápido do que nos caiu em cima. Acho que é preciso estar próximo dos sentimentos das pessoas que são comuns aos meus e aos dos músicos”, conclui.

Em vésperas do concerto, estivemos com Sérgio Godinho no Museu do Aljube – Resistência e Liberdade. E neste “palco” simbólico, partimos de algumas das suas canções para uma conversa sobre a pessoa, o criador e o

performer (porque o escritor, o poeta, o ator e o realizador davam para uma outra prosa).

Há 48 anos, quando voltou para Portugal, lembra-se de O Primeiro Dia (1978)?

Sérgio Godinho — Lembro-me dos vários primeiros dias porque, de facto, foi tão intenso que houve vários primeiros dias. Sou do Porto e, como é evidente, fui ao Porto visitar os meus pais, os meus amigos e desde o primeiro dia (ou quase) fui convocado, para cantar ao vivo com outros nos chamados Cantos Livres e com muitos dos meus excelsos companheiros, desde logo o Zeca Afonso. Mas foram vários primeiros dias, primeiro cantei no hall da Faculdade de Direito e depois no São Luiz. Foi o primeiro teatro onde cantei e já agora foi o teatro onde cantei mais vezes e em formatos diferentes. Foram vários primeiros dias e todos eles valeram a pena.

Como foi ser privado da Liberdade (1974)?

SG — As duas vezes que estive preso foi no Brasil: estava com um grupo de teatro muito conhecido que era o Living Theatre e estávamos a ser muito notados numa pequena cidade. Havia uma grande campanha contra nós com panfletos à porta das igrejas de uma organização da extrema-direita chamada Trabalho, Família e Propriedade (aqueles nomes que ficam bem, não é?). Acabamos por ser presos e depois fui preso uma segunda vez... Uma longa história. Ser privado da liberdade é viver com isso, é ter de lutar pela sanidade mental – da segunda vez levei choques elétricos na cabeça, foi uma coisa muito, muito feia –, mas, sobretudo, sentir que há muita gente que está na mesma situação. Não estava numa prisão política, estava numa prisão de delito comum, com a vantagem de estarmos com pessoas que não estão ali pelas mesmas razões, mas que são seres humanos, privados da liberdade – se justa ou injustamente, depende das leis e do que estas leis fazem numa determinada sociedade.

Com um brilhozinho nos olhos (1980), o que vê em Portugal?

SG — Desde logo vejo um regime democrático, com todas as suas imperfeições, mas a democracia é muito imperfeita. Há momentos redentores, o acontecimento do 25 de abril, mas não se faz uma revolução perfeita, essas coisas têm um lado efémero em si, depois há negociações, estabelecimento de partidos políticos, de um sistema, de Leis, de um Parlamento. Tudo isso que nós temos vivido: com grandes insuficiências, com grandes desigualdades ainda, digo ainda, mas acho que vai ser uma coisa que se arrastará muito no tempo e nunca se consegue a igualdade perfeita. A Justiça em Portugal é muito insuficiente, desde logo pela morosidade, a própria justiça de classe que existe. Não há dúvida de que, como em outros países, uma pessoa sem recursos não tem a mesma possibilidade de defesa, não tem a possibilidade de ser tratado com a mesma justiça. O que digo na canção Liberdade, “A paz, o pão, a habitação...”, podem ser palavras ocas se não tiverem conteúdos (não falo da Justiça, mas não tenho que nomear tudo, mas é isso que perpassa tudo o que somos agora). Mas acho uma tolice aquela coisa de dizer “ah, se fosse para isso não valia a pena fazer o 25 de abril”. Nesta altura isso anda um bocadinho na moda, mas enfim...

Imaginando que É terça-feira (1980), já vendeu alguma coisa na Feira da Ladra?

SG — Nunca fui um grande consumidor, visitante, sequer, da Feira da Ladra. Não tenho muito essa vertente. Acho que nunca vendi nada na Feira da Ladra, mas das poucas vezes que lá fui, lembro-me de ter comprado uns livrecos ou umas revistas, encontra-se sempre coisas interessantes sem dúvida, mas, repito, não sou um grande consumidor. Essa é uma canção do *Kilas*, o *Mau da Fita* e estávamos a filmar numa vivenda que existe ainda, penso, mesmo ao pé da Feira da Ladra. E lembrei-me que era um assunto que tinha algum simbolismo, o vender “trapos e cacos e contradições”. Aquilo do vender e comprar coisas que já não são novas adquiria um carácter simbólico porque de facto o meu trabalho de canções, como outras criações que agora pratico, é extrair

de coisas banais aquilo que se torna especial pelo trabalho artístico que nós criamos. Por exemplo falámos do (título) “Com um brilhozinho nos olhos” ou então “Hoje soube-me a pouco”, isto não é nada, tem que ser habitado por conteúdos que fazem com que aquilo não seja só uma frase batida [sorriso] ou a frase banal.

Como descreve a Lisboa que Amanhece (1986)?

SG — Também não sou um grande notívago. Uma coisa é a noite outra coisa é o amanhecer. O retomar da atividade e também aquilo que houve durante a noite, que é uma coisa que digo na canção: “as dádivas da noite são eternas”. Parece que a noite se estende. O tempo fica mais elástico e parece que não vai acabar. Sobre tudo nas ficções narrativas em que ando muito envolvido, é de noite que me encontro com a vontade de criação, não até às tantas, mas é de noite.

E O Porto Aqui Tão Perto (1980)?

SG — O Porto está sempre perto, está sempre aqui tão perto, de mim, até em coisas que não sei, que são mais intuitivas. Tenho duas canções que nomeiam o Porto: uma do segundo disco que se chama Porto Porto e outra que, de certo modo, é a sequência, O Porto Aqui Tão Perto. Essas canções, sobretudo a primeira (os dois discos foram feitos no exílio), foi também uma maneira de não me esquecer das minhas referências, da minha língua e das minhas referências emotivas, das minhas memórias. Essa primeira canção Porto Porto fala muito do espírito do Porto e do humor que existe no Porto que é diferente (não radicalmente) mas diferente do de Lisboa. As pessoas têm características diferentes. Portugal é feito de vários matizes, um minhoto é com certeza muito diferente de um alentejano e mesmo das pessoas do Porto, que é uma urbe, mas uma urbe bastante diferente de Lisboa. Não estou a valorizar mais um do que o outro, são coisas diferentes. Mais, nunca gostei que a certa altura no Porto (isso foi muito potenciado pelo futebol) houvesse uma espécie de rivalidade, que agora acho que não acontece muito. As pessoas do Porto gostam de Lisboa, as pessoas de Lisboa gostam do Porto,

gostam muito do Porto. Portanto, o Porto “tá-me na ialma”.

Quem é a Etlvina (1974)?

SG — A Etlvina é aquilo que quiserem. Sim, porque nem sequer nomeio uma cidade. Com certeza que é de uma cidade que tem rio, é de uma cidade (uma urbe), mas não a nomeio. Há um livro meu com 40 ilustradores, chama-se Sérgio Godinho e as 40 Ilustrações, é um livrão (foi das primeiras edições da Abysmo do João Paulo Cotrim – a gente conversa e vão aparecendo mortos pelo caminho, é uma coisa estranha, não é?). O desenho dessa canção, da Etlvina, é/passa-se em Lisboa, vê-se a ponte 25 de Abril, mas, para mim, claro que a Etlvina é do Porto e é muito do Porto. Mas não era preciso nomeá-la porque até adquire um retrato mais universal. Para mim a Etlvina é aquela rapariguinha rufia, mas também há aquela vulnerabilidade de quem dorme sozinha à noite, é muito... vejo-a como uma rapariguinha do Porto; não é do shopping, mas é do Porto.

Cuidado com as Imitações (1979) foi desde sempre uma premissa na busca de uma identidade musical própria?

SG — Se é que é uma premissa. Nós imitamos, os criadores imitam, mas espera-se que se imite as boas coisas (no sentido de o influencen direto), às vezes episódicas numa canção. Desde logo é um ponto de partida, nós aprendemos com os outros, aprendemos a escrever com os outros, imitando estilos. Durante muito tempo, quando comecei a fazer canções, não conseguia escrever em português (antes do primeiro disco), estava nessa altura em França e escrevi canções em francês porque a língua portuguesa tinha um peso (lá está) que eu sentia que estava a imitar alguém, que não era até encontrar a voz própria. Acho que se tem que passar por isso, tem que se começar por imitar os outros. Vamos ver quadros de Picasso nos museus, da sua infância, adolescência, sobretudo, em que ele está a imitar estilos e depois encontra o seu estilo próprio. Mas é bom saber como é que os outros fazem. Aprendi com o Zeca Afonso, não imito Zeca, mas aprendi. Aprendi com os Beatles, com os Stones, os Doors, o Jacques Brel, o Georges Brassens, o Chico Buarque, o Caetano estava a começar, mas sim, aprende-se com tudo isso...

Pode Alguém ser quem não é (1972)?

SG — Sobre tudo o que essa canção diz é se pode alguém ser livre se outro alguém não é. Ou seja, estamos todos nesse aspeto presos por cadeias invisíveis aos outros e de facto devemos pugnar pela liberdade do ser humano. O nosso mundo tem tantas indignidades...

Agora também se pode interpretar isso noutro sentido, o de que temos que ser nós próprios, mas esta frase pode ser mal-usada, sei lá, como aqueles Big Brothers (que dizem) “tu tens que ser tu próprio”; aquelas coisas completamente tolas.

Complete a frase Às Vezes o Amor (2006)...

SG — Então, mas está no refrão: “às vezes o amor, por vezes é dor, cego, surdo e mudo...”. Está na própria

como comorbilidade (eu nem consigo dizer), todos esses conceitos afogaram-nos e durante as três primeiras semanas quando começou o primeiro confinamento não se largava as notícias, a televisão, seja o que for, e senti que tinha que refletir criativamente sobre isso e não só refletir, mas dar um retrato do que estava a acontecer e esse termo “o novo normal”. A gente não sabe o que é normal. O Caetano Veloso dizia: visto de perto ninguém é normal... o que é a normalidade? Mas é verdade que é



Artlindo Camacho



DR

Concerto em 1974

canção. As coisas estão explicadas com o seu tempo próprio. Houve um editor, já há bastantes anos (com quem nunca trabalhei) que me fez uma proposta para fazer contos a partir das minhas canções. E disse que não porque aquilo que quis dizer está ali, está ali exatamente com as palavras que quis dizer, portanto o resto seria uma excrescência.

(É o caso desta pergunta)

SG — É o caso desta pergunta, mas, não, perguntar não ofende.

O novo normal (2020) é uma resistência dos tempos modernos?

SG — Caiu-nos a todos esta pandemia inesperada em cima e andamos todos um bocadinho à toa nos primeiros tempos e sobretudo bombardeados por novos conceitos,

Se existisse O Elixir da Eterna Juventude (1993), sem ser “marado”, tomava-o?

SG — O problema é que não sabemos se é marado ou não. É uma espécie de tiro no escuro. É assim: toma esta droga que vais ver que ficas muito bem, isso é uma coisa que está na história dos mitos, o Fausto (não é o cantor). Não, acho que não tomava. À partida porque também não sei o que isso quer dizer... É físico? É mental? Nós podemos ser muito velhos e estar mentalmente muito bem ou ser não tão velhos e estar já com uma decadência física, já para não falar das doenças... É uma história muito complicada e é sobretudo uma coisa irónica. É uma espécie de autoarrependimento...

51 anos de carreira, Que Força é Essa (1972)?

SG — Para já, acho que nunca planeei uma carreira, sou um criador, um performer também, mas sou um criador. De facto, aquilo que gosto é de criar e depois mostrá-lo. A minha ficção narrativa não tem uma maneira de mostrar tão óbvia, tão imediata como juntar gente numa sala a ouvir, a receber e a dar... Isto parece uma canção do António Variações, “Dar e Receber”, agora perdi-me... Não é força (claro que tem que haver força), mas é a vontade de estar vivo e continuar a fazer aquilo que gosto. É tão simples quanto isso e não quer dizer que estejamos em todos os momentos em felicidade e em êxtase, porque isso também, por um lado, seria impossível, por outro lado implicaria benevolência. Temos de estar insatisfeitos e, muitas vezes, estou insatisfeito ou sou inquieto

MAPA LUGARES DE ABRIL



LUGARES

1.

Museu do Aljube

Antiga prisão, encerrou portas no verão de 1966. É hoje um espaço museológico dedicado à história e à memória do combate à ditadura e ao reconhecimento da resistência em prol da liberdade e da democracia.

2.

Terreiro do Paço

Foi um dos palcos da revolução que derrubou o regime. Era aqui que se situavam os Ministérios do Exército e da Marinha. No dia 25 de abril de 1974 foi ocupado por uma força da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, comandada pelo Capitão Salgueiro Maia.

3.

Avenida Ribeira das Naus

Palco de momentos tensos na manhã de 25 de abril de 1974, com o pelotão de RC 7, a fragata Almirante Gago Coutinho e as tropas do Major Pato Anselmo a confrontarem-se com os militares do Movimento das Forças Armadas.

4.

Rua do Arsenal

Foi o local da rendição do Major Pato Anselmo, negociada pelo Capitão Tavares de Almeida, o Major Jaime Neves e os Alferes-milicianos Maia Loureiro e David e Silva.

5.

Tribunal da Boa-Hora

Era aqui que eram julgados os opositores políticos ao regime. Entre os julgamentos mais marcantes do Tribunal Plenário conta-se o que teve como arguidos Mário Soares e Álvaro Cunhal, acusados de ações subversivas contra o Estado.

6.

Rádio Renascença

Foi do estúdio da Rádio Renascença, então na rua Ivens, que saiu a segunda senha da revolução: Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso.

7.

Sede da PIDE

"Aqui, na tarde de 25 de Abril de 1974, a PIDE abriu fogo sobre o povo de Lisboa e matou: Fernando Gesteira, José Barneto, Fernando Barreiros dos Reis e José Guilherme Arruda". A placa colocada na fachada do que é hoje um condomínio privado, recorda que ali funcionava a sede da polícia política. Só na manhã de 26 de abril seria bem-sucedida a sua ocupação.

8.

Largo de Camões

Foi um dos pontos de vivência comunitária da Revolução dos Cravos, onde populares se concentraram para assistir às manobras militares e saudar a queda do regime.

9.

Jornal República

Fundado em 1911 por António José de Almeida, destacado dirigente republicano e, mais tarde, Presidente da República (1919-1923), o República sobreviveu ao Estado Novo e evidenciou-se, em parceria com o Diário de Lisboa, na luta contra a regime de Salazar. Ainda no dia 25 de abril de 1974, numa 3.ª edição, titulava "As Forças Armadas tomaram o poder".

10.

Largo do Carmo

Palco da rendição de Marcello Caetano, que passa o poder a António de Spínola. O Presidente do Conselho de Ministros sai do Quartel do Carmo e é levado numa chaimite para a Pontinha.

11.

Rossio

Foi aqui que Celeste Caeiro, florista, entregou um cravo a um militar, que colocou a flor no cano da espingarda. Ficava batizada a Revolução dos Cravos.

PERCURSOS

Os Lugares do 25 de abril de 1974

9 abr 10h30
22 abr 10h
Mais informações e marcações
itinerarios.culturais@cm-lisboa.pt

O Povo está na Rua. Praças e paços das revoluções

25 abr 15h
Museu de Lisboa
Bilhetes disponíveis em [Blueticket.pt](https://www.blueticket.pt)

Pelas ruas de Abril: o percurso da revolução, dos militares e do povo nas ruas de Lisboa no dia 25 de Abril de 1974.

23 abr 10h30
Museu do Aljube
Mais informações e marcações
info@museudoaljube.pt

MULHERES 48 POEMAS

Com escritoras, poetisas e cantautoras celebramos 48 anos de democracia, com palavras que ficarão pintadas no chão da cidade.

FILIPA LEAL

SABE BEM PODER SUJAR AS MÃOS DE COISAS LIMPAS.

TAPE O DEUS NÃO DEUS O QUE ELE QUISER E EU GRITO MESMO QUE ROUCA QUE DEBAIXO DA ROUPA SEREI SEMPRE UMA MULHER.

LUÍSA SOBRAL

BEATRIZ HIERRO LOPES

A LIBERDADE É ROUBAR A VIDA À MORTE.

ANA DEUS

ENQUANTO HOVER GENTE A DORMIR NO CHÃO É DIA DE REVOLUÇÃO.

O MAL ALIMENTA-SE DO SILÊNCIO. ERGAMOS, POIS, A NOSSA VOZ.

FILIPA FONSECA SILVA

MEU QUERIDO 25 DE ABRIL, VEM-TE DE NOVO DE PAU FEITO, POR FAVOR, E DE ÉPICO TESÃO DÁ CABO DISTO.

INÊS FONSECA SANTOS

ENTRE BASTILHA E BAUNILHA, CONTRA OS RETRATOS DE FAMÍLIA, A REVOLUÇÃO NASCE DE UM SONHO, ASSIM COMO OS POVOS NASCEM DO PÓ.

GOLGONA ANGHIEL

NEM NUMA GAIOLA, QUANTO MAIS NUMA GAIOLA DENTRO DE UMA CASA, UM PÁSSARO...

MARTA CHAVES

LIBERDADE, QUERO A PRISÃO DOS TEUS BRAÇOS.

DULCE MARIA CARDOSO

8

ABRIL EM LISBOA

2022

JOSÉ PACHECO PEREIRA

A CENSURA E A DEFESA DO RESPEITINHO

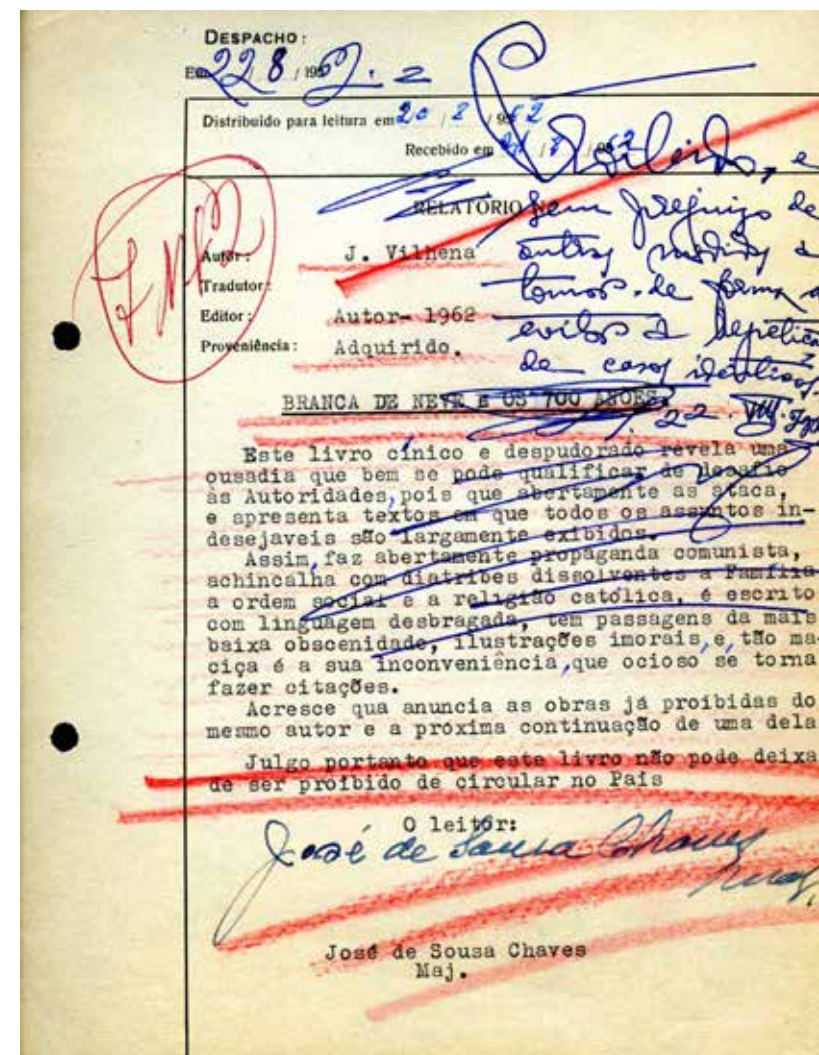
ditadura. E continua eficaz quando se lê o que se escreve hoje em dia sobre os malefícios da democracia, em particular a corrupção, com a sugerida e às vezes explícita ideia de que nada disto com esta dimensão existia antes do 25 de Abril. Uma das coisas que os atacantes do “sistema” fazem é acentuar a dimensão da

ao longo dos extensos 48 anos de ditadura? Não havia corruptos nos altos lugares da nação? Não havia corruptos na União Nacional? Nenhum general, embaixador, deputado à Assembleia Nacional, ministro ou secretário de estado,

“Só existe aquilo que o público sabe que existe” (Salazar)

O grande feito da Censura, existente durante 48 anos, foi deixar como herança, até aos nossos dias, uma nostalgia de um Portugal onde todos se entendiam, onde havia “consenso”, onde todos trabalhavam pelo “bem comum”, sem corrupção que não fosse o roubo do pão pelos necessitados, onde havia “respeito” e boa educação. Ou seja, uma nostalgia perversa do Portugal da ditadura.

Eu conheço bem a Censura que durou 48 anos, até por experiência própria. O país que não podia vir a público, ou seja, o país “real” como agora se diz, era muito diferente do que conseguia emergir nos jornais e nos livros, mesmo na imprensa clandestina. Um dos grandes sucessos da Censura foi criar uma imagem de Portugal pacificado, inerte, pouco conflitual, sem grandes violências, mais de bons costumes do que de maus, que foi eficaz mesmo com aqueles que lutavam contra a



corrupção em democracia, sugerindo inevitavelmente que ela vem com a forma do regime e, por isso, lutar contra a corrupção é também lutar contra o “sistema” de partidos e políticos corruptos.

Nunca ninguém se interroga por que razão nunca houve nada de parecido com a “operação Marquês”

comandante da Legião ou graduado da Mocidade Portuguesa, nenhum governador colonial, bispo, “meteu a mão na massa”? Ou houve casos de corrupção que a Censura não nos deixou conhecer? Sem dúvida, como se vê nos cortes da Censura, do mesmo modo que havia pedofilia, violência contra as mulheres, violações, roubos, violências, e suicídios.

Mas a resposta é pior ainda: não havia corrupção porque não havia justiça para os poderosos do regime, e a pouca que havia era para os escalões intermédios para baixo. E, por isso, a corrupção entre os grandes da Situação, fossem políticos, com a mais que comum transumância da política para os negócios, decidida quase sempre pelo próprio Salazar, fossem os banqueiros e empresários do regime, estava naturalmente protegida porque ninguém sequer se atrevia a iniciar um inquérito. A exceção com os “ballets roses” foi um caso de costumes, e mesmo assim fortemente protegido pela Censura.

Neste sentido, a Censura foi talvez a mais eficaz arma do regime da ditadura, cujos efeitos ainda hoje estão submersos no nosso quotidiano. Muito mais do que a subversão do “político” o que a Censura protegia era o poder, todas as hierarquias que dele emanavam, exigindo mais do que respeito, “respeitinho”. Em 48 anos, em que não houve um único dia sem censura, foi este o seu legado.

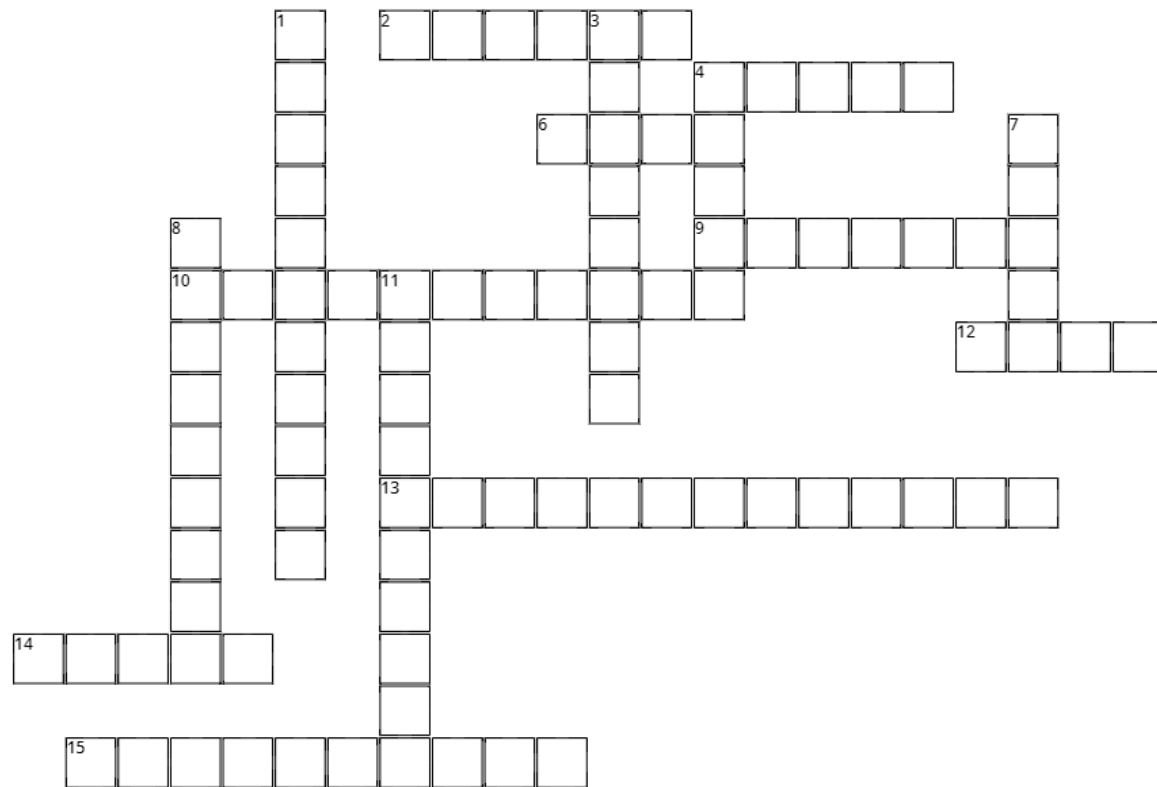
A exposição sobre a Censura que o ARQUIVO EPHEMERA realiza em conjunto com a CM de Lisboa, à volta da data do 25 de Abril de 2022, tem por isso uma intenção a que podemos chamar pedagógica, mostrar o que é a Liberdade, pela sua negação.

9

ABRIL EM LISBOA

2022

CRUZADAS ABRIL EM LISBOA



HORIZONTAIS

- Capital de Portugal.
- Flor-símbolo do 25 de Abril de 1974.
- A célebre chaimite comandada pelo capitão Salgueiro Maia.
- Lembrança.
- Tipo de música comum nos derradeiros anos do Estado Novo português.
- Nação.
- O principal rosto da Revolução dos Cravos.
- O que é hoje a antiga cadeia do Aljube?
- Descodificação do anagrama 'adocicarem'.

VERTICAIS

- Sinónimo de oposição.
- Nome do espetáculo do Teatro do Vestido evocativo do 125.º aniversário do Teatro São Luiz, local de refúgio de manifestantes que, no dia 25 de abril de 1974, fugiam da PIDE.
- Nome do largo e do convento ocupado pelo quartel da GNR, onde teve lugar um dos episódios mais significativos da Revolução dos Cravos.
- Integrada no programa Abril em Lisboa'18 a iniciativa *Liberdade para Tocar* colocou este instrumento nas ruas de Lisboa para ser tocado pelas pessoas.
- Antónimo de prisão.
- A rádio que transmitiu a música "Grândola Vila Morena" de Zeca Afonso, uma das senhas de abril.

MAIS ABRIL NA EGEAC

MUSEU DO ALJUBE

Entrada livre mediante inscrição para inscricoes@museudoaljube.pt

A CANTIGA É UMA ARMA

16 abril
16h
Conversa musicada com Manuel Pires da Rocha

NÃO SE DEIXEM ENGANAR!

17 abril
10h30
Um conto panfletário de 2019 de Sérgio Pelágio, para o público infantojuvenil

A REVOLUÇÃO ATRÁS DAS LENTES

19 abril
18h
Os olhares e as fotografias da resistência e da revolução. Com José Soudo, investigador e professor na ar.co

OUTRO PAÍS

21 abril
19h00
Documentário de Sérgio Tréfaut, 1999, 70'

PELAS RUAS DE ABRIL

23 abril
10h30
O percurso da revolução, dos militares e do povo nas ruas de Lisboa no dia 25 de Abril de 1974.

CONSTITUI-AÇÃO

25 abril
11h
Lançamento da antologia poética

VISITAS ORIENTADAS

25 abril
10h30

TEATRO SÃO LUIZ

MAIS UM DIA

Comissariado por Tiago Bartolomeu Costa teatrosauluiz.pt

No dia 24 de março deste ano, cumprimos mais um dia em democracia do que aqueles que o país viveu em ditadura, entre o golpe militar de 28 Maio 1926 e a revolução de 25 Abril 1974. Esse dia simbólico é o mote para um programa especial que, festejando-o, se compromete com a memória e procura compreender os diferentes modos de contar a história.

Um projeto São Luiz Teatro Municipal, coproduzido com Museu Nacional do Teatro e da Dança, em cooperação com Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em parceria com Espaço Atlântida – Centro de Estudos de Jornalismo de Investigação Fumaça. Colaboração: Arquivo Municipal de Lisboa, Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Museu do Fado, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Escola Superior de Teatro e Cinema, Teatro Nacional Dona Maria II, Torre do Tombo/ Direção-geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas, Rádio e Televisão de Portugal, Museu do Aljube Resistência e Liberdade, Departamento de Património Cultural/Câmara Municipal de Lisboa, Museu de Lisboa, Museu da Marioneta

48 Memórias

Exposição com curadoria de Tiago Bartolomeu Costa
18 a 30 de abril

Durante duas semanas, expõem-se materiais que guardam as muitas histórias de um Teatro que viveu paredes meias com a sede da polícia política.

Teatro: Lugar Político e de Políticas

Conferência – Sérgio de Carvalho
18 abril, 18h30

Modos de Censura e Resistência

Mesa Redonda – Christine Zurbach, Francesca Rayner, Graça dos Santos, Maria do Carmo Piçarra, Nuno Moura
18 abril, 20h

Luca Argel

– *Samba de Guerrilha em Cena*
Concerto de Luca Argel, Nádria Yracema e António Jorge Gonçalves
21 abril, 20h

Terceira fase de um projeto de investigação musical do brasileiro Luca Argel, em que cada história reflete um episódio de resistência política contra a escravidão e o racismo, protagonizada pelas manifestações culturais da diáspora africana no Brasil.

Conversas Fumaça

22 e 28 abril, 19h
com Maria Alice Samara, Elísio Macamo, Jéssica Bruno, Yussef

Estas conversas são duas pistas sobre o antes e depois de um tempo ainda próximo. Uma entrevista e um debate moderado pelo podcast de jornalismo de investigação **Fumaça** para ir além dos dias da ditadura.

Margaret Atwood

Encontro
23 abr, 16h30

Uma conversa entre a escritora canadiana e Alberto Manguel, onde se cruzam lutas e causas que, em muitos casos, acompanham os valores de Abril. Uma obra literária de cariz universal, onde as personagens femininas são motores de transformação social.

Memórias de uma Falsificadora

Teatro
23 a 30 de abril, segunda a sábado, 19h30; domingo, 16h

Joaquim Horta adapta ao teatro o livro de Margarida Tengarrinha *Memórias de Uma Falsificadora – A Luta na Clandestinidade pela Liberdade em Portugal*, que conta como a autora usou a sua habilidade de artista plástica e estudante de Belas Artes ao serviço da falsificação de documentos, garantindo o trabalho dos resistentes à ditadura de Salazar.

#25abrilsempre

19, 24 e 26 abril

Sessões para escolas, com o Museu do Aljube, para falar sobre Democracia e Resistência, com visita guiada à exposição. Neste dia, o São Luiz homenageia quem foi censurado, descerrando uma placa que lembra os 48 anos de ditadura. A noite será celebrada com um teatro aberto à hora em que a revolução começou.

Fraternité, Conte Fantastique

Teatro
26 e 27 abril, 20h

Caroline Guiela Nguyen e a sua companhia Les Hommes Approximatifs apresentam um espetáculo que espelha o trabalho que têm desenvolvido juntando ficção e realidade e acreditando sempre que o imaginário do ser humano é a sua grande arma.

A História que vamos continuar a escrever

Conferências
29 abril, 20h
30 abril, a partir das 15h
com *Margarida Medeiros, Paulo Pires do Vale, Victor Barros, Nuno Aguiar, Ricardo Paes Mamede, Susana Peralta, Irene Flunser Pimentel, Nuno Gonçalo Poças, Ricardo Cabral Fernandes, Francisco Mendes da Silva, Isabel Moreira, João Marecos*

Este ciclo de encontros e conferências procura lançar questões e problematizar matérias que, não esgotando as frentes de reflexão, faz balanços sobre dimensões sociais, políticas,

económicas, históricas, culturais que nos surgem como estruturantes no modo como devemos pensar o país.

MUSEU DE LISBOA

O POVO ESTÁ NA RUA. PRAÇAS E PAÇOS DAS REVOLUÇÕES

25 abril
15h
Ponto de encontro: Museu de Lisboa – Teatro Romano
> 12 anos | Duração: 120 minutos
5 €
Bilhetes disponíveis em Blueticket.pt

Ao longo da sua história, Lisboa foi palco de múltiplos golpes, insurreições, motins, rebeliões e revoltas que mudaram para sempre o destino do País. Neste percurso, por praças e paços, revisitam-se os palcos das principais revoluções, desde 1385 a 1974.

LU.CA

SOBRE A CANÇÃO DE INTERVENÇÃO

Formação para Professores
Grupo 1: 18 e 19 abril: 17h30 – 20h
Grupo 2: 20 e 21 abril: 17h30 – 20h
Preço: €10 (Inscrição obrigatória até 17 abril através do email: bilheteira@lucateatroloisdecamos.pt com indicação do horário (grupo) pretendido)
Número máximo de participantes por sessão: 20

Gimba propõe uma viagem ao mundo da canção contemporânea do 25 de Abril de 1974, através de um enquadramento histórico e cronológico.

MUSEU DA MARIONETA

LIBERDADE, TODOS OS DIAS

24 abril
10h30
6€ (adulto e criança)
Informações e reservas: museu@musedamarioneta.pt

Houve um tempo em que os fantoches podiam dizer mais do que as pessoas. Hoje podemos falar à vontade e dedicamos uma manhã de domingo para criar fantoches tradicionais portugueses. Nascidos no Museu, novos Robertos sairão para a rua com a palavra Liberdade no pensamento.

ONTEM E HOJE



Coleção Diário de Notícias/Arquivo Municipal de Lisboa



José Frade/EGEAC

Largo do Chiado / Rua da Misericórdia



Coleção Diário de Notícias/Arquivo Municipal de Lisboa



José Frade/EGEAC



OLHEM PARA CIMA!



FILMES
MÚSICA
HUMOR
DEBATES
EXPOSIÇÃO
PERFORMANCES

FESTIVAL POLÍTICA

CUIDADO COM
AS MENSAGENS,
ATENÇÃO AOS
MENSAGEIROS



21 A 24 DE ABRIL | LISBOA | CINEMA SÃO JORGE FESTIVALPOLITICA.PT